



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

pcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Spink, Mary Jane P.; Medrado, Benedito; Mello Pimentel, Ricardo
Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos na Mídia
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815117>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos

Mary Jane P. Spink^{1,2}

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Benedito Medrado

Universidade Federal de Pernambuco

Programa PAPAI

Ricardo Pimentel Mello

Universidade Federal do Pará

Resumo

Partindo do pressuposto que risco é um conceito central na sociedade contemporânea, este estudo teve por objetivo entender o papel da mídia na circulação e consolidação da linguagem dos riscos. Tendo por base estudos anteriores com um único jornal, a Folha de S. Paulo, sendo adotados três procedimentos de pesquisa: 1) mapeamento dos termos utilizados para falar sobre a possibilidade de ocorrência de eventos concebidos como ocasiões de risco; 2) análise diacrônica de uma amostra representativa de matérias com a palavra *risco* no título (1921 e 1998); 3) análise da linguagem de risco por área temática (CD-Rom Folha, 1994-1997). Os resultados sugerem que o uso da mídia é recente e diversificado, apoiando-se ora na linguagem formal do cálculo de risco, ora no uso metafórico de desordem na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Linguagem dos riscos; produção de sentidos; mídia; modernidade reflexiva

Danger, Probability and Opportunity: The Language of Risks in the Mass Media

Abstract

Based on the assumption that risk is a central concept in contemporary society, the study aims to understand the role of the media in the circulation and consolidation of the language of risks. Based on previous studies with a single newspaper, the Folha de S. Paulo, three research procedures were adopted: 1) mapping the diversity of terms used for talking about the possibility of occurrence of events seen as occasions for loss or gain; 2) diachronic analysis of a representative sample of news items with the word *risk* on the title (1921-1998); 3) analysis of the use of the language of risks by subject area (CD-Rom Folha, 1994-1997). The results suggest that the use of the language of risks in the media is recent and diversified with its formal language of risk calculations and its metaphoric use for talking about disorder in contemporary society.

Keywords: Risk language; making sense; media; reflexive modernity.

Partindo do pressuposto que risco é um conceito central na sociedade contemporânea, este estudo teve por objetivo entender o papel da mídia na circulação e consolidação da linguagem dos riscos.

O risco é, talvez, inerente à vida: viver, diz o ditado, é um risco. Entretanto, o sentido que lhe é dado está implicitamente vinculado ao contexto histórico em que os vários riscos se concretizam. É de especial interesse a questão da origem das fontes de risco, já que o risco é

sociedade moderna (Douglas, 1992).

A noção de risco que é profundamente e intimamente relacionada à noção de probabilidade. Mary Douglas (1992) argumenta que o risco é uma maneira moderna de pensar a probabilidade, num contexto de modernidade. A noção moderna de risco emerge, de forma nítida, a partir da

econômicas, sanitárias – apoiadas por corpos de saberes específicos.

Foi como instância legitimadora desses saberes que a ciência tornou-se, na modernidade clássica (ou sociedade industrial, segundo Beck, 1992), o mais importante apoio para a gestão pública dos riscos. Gerir implica em criar regras e mecanismos de vigilância; implica, ainda, em fomentar a consciência individual que possibilita o autocontrole e que encontra na culpa e na educação tão poderosos aliados (Foucault, 1977). Essa contraposição entre a responsabilidade individual e o bem coletivo viria constituir-se como um dos fundamentos da subjetividade nesse período histórico.

A literatura sobre risco sugere que a modernidade reflexiva (ou sociedade de risco, segundo Beck, 1992) inaugura novas possibilidades de significação do risco. O princípio central da sociedade industrial, segundo Beck, era a distribuição dos bens. Já a sociedade de risco teria como questão central a distribuição dos males ou dos perigos.

Vários autores (entre eles, Beck, 1992, 1998 e Giddens 1998) ponderam que esses riscos não estão mais limitados temporalmente (na medida em que futuras gerações podem ser afetadas) e nem espacialmente, pois muitas vezes extrapolam as fronteiras nacionais. A reflexão necessária deixa, portanto, de estar circunscrita a grupos e localidades, tendendo à globalização na medida em que os riscos modernos (ou a consciência desses riscos) revelam ameaças irreversíveis à vida das plantas, dos animais e dos seres humanos desta e de futuras gerações.

É nossa posição que a mídia tem um papel fundamental nesse processo de ressignificação da noção de risco, seja porque é onipresente no mundo contemporâneo (e, portanto, instrumental na conformação da consciência moderna) ou porque confere uma visibilidade sem precedente aos acontecimentos (incluindo aí as novas informações e descobertas) que leva a uma re-configuração das fronteiras entre o espaço público e privado, produzindo novas formas de comunicação e interação.

Os recentes avanços tecnológicos trazem mudanças importantes na comunicação, introduzindo transformações substantivas que permitem experienciar a subjetividade que podem ser vividas a partir das novas possibilidades de interação mediada pela tecnologia, a interação mediada, que pode incluir também, seguindo as reflexões de Giddens (1995), a “quase-interação-mediada”.

A quase-interação-mediada refere-se a interações produzidas com o advento da comunicação eletrônica. Como na interação mediada, a comunicação é realizada rompendo barreiras espaciais e/ou temporais, mas em dois aspectos: primeiro, porque a comunicação é dirigida especificamente a uma pessoa (ou grupo generalizado); segundo, porque o diálogo não é imediatamente recíproco, mas realizada por comunicação pelo telefone. Na quase-interação-mediada, os participantes não dispõem da troca de mensagens, haver uma expressiva lacuna temporal entre a produção e a recepção, por exemplo: livros, jornais, revistas e sites da Internet (com exceção das salas de bate-papo).

Partindo do pressuposto de que as interações são sempre mediadas, seja por dispositivos materiais ou virtuais, pela diversidade de *vozes* (instituições, amizades, entre outros) e pelo jogo de posicionamentos que se estabelecem no momento da dialogia, os adjetivos “quase” e “mediada” são aqui empregados para demarcar a natureza de interação humana gerados pela inovação tecnológica (Medrado, 1999).

É possível propor, assim, que além de ser uma mídia poderoso que cria e faz circular conteúdos, a mídia tem um poder transformador que deve ser estudado, de reestruturação dos espaços e relações, propiciando novas configurações e novas formas de produção de sentido.

movimento os repertórios interpretativos culturalmente disponíveis. Trata-se de referencial ancorado no construcionismo (Gergen, 1985; Ibáñez, 1993;) e alinhado aos psicólogos sociais que trabalham de formas variadas com práticas discursivas (Billig, 1996; Parker, 1989; Potter, 1996; Shotter, 1993; entre outros).

Nesta proposta teórica o sentido no cotidiano decorre do uso que fazemos, em nossas práticas discursivas, dos *repertórios interpretativos* que dispomos. Repertórios interpretativos (Potter & Reicher, 1987) são conjuntos de termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem que estão freqüentemente agrupadas em torno de metáforas ou imagens, utilizando construções e estilos gramaticais próprios. São as unidades de construção dos discursos e demarcam o rol de possibilidades das construções discursivas.

A produção de sentido ocorre na ação social. Aliam-se, nesta proposição, a tradição hermenêutica de processo criativo – mediado pelas expectativas e pressupostos que o indivíduo traz para a situação –, a tradição interacionista de valorização da presença do outro (real ou imaginada) e a onipresença da linguagem na perspectiva das práticas discursivas, aqui concebidas como linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas (Davies & Harré, 1990; Spink & Medrado, 1999).

Ao tomarmos a mídia como objeto deste estudo, focalizamos, sobretudo, seu potencial de fazer circular repertórios interpretativos associados ao conceito de risco, tornando presente (até mesmo recriando) as vozes de especialistas de diferentes domínios de saber para falar de experiências do cotidiano. O processo de produção de sentidos propriamente dito, seja na produção ou recepção da mensagem, obviamente extrapola os objetivos do estudo.

Importante frisar, ainda, que ao optarmos por trabalhar com a circulação de repertórios interpretativos na mídia estamos tomando seus registros como *documentos*

histórica de dados que possibilite e formas distintas de uso do que de agora, a *linguagem dos riscos*. Considerando os estudos anteriores (Spink, 1997, 2001), historicamente o debate sobre os riscos, sabemos que o conceito contempla as áreas da Economia e da Medicina (teorizações da epidemiologia). O pleno do conceito, especificamente gerenciamento conhecida como nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, este tempo longo da circulação de risco para o público geral exigiu um veículo que possibilitasse levantamento diacrônico de m-

Estudo anterior sobre “notícia” (Spink e cols. 2001), um de notícias mais importantes, reconhecimento público e a sensibilizado para o fato de o (FSP) dispunha de um acervo exemplares, desde 1921, de fábrica de um banco de dados informacionais interessados (a partir de 1998, qualquer jornal fornece uma refletindo, pela própria natureza, que são definidas num dado “notícia ou informação”, decidiu o jornal, tomando-o como “vídeo dos sentidos” (P. Spink, 1999,

Procedimentos de Pesquisa

A metodologia empregada envolveu três procedimentos: *aproximação* da linguagem levantamento dos termos utilizados para este fim o Censo de 1990 e 1991, entre os anos de 1994 a 1997. Este arquivo é o resultado desse trabalho.

representativa ($a=0,05$) de matérias com a palavra *risco* no título publicadas na FSP de 1921 (ano da fundação do jornal) a 1998. Para o cálculo da amostra foram escolhidos aleatoriamente cinco dias por ano, de 1921 a 1998, perfazendo um total de 400 dias.⁴ Como critério de reposição estabeleceu-se que: 1) quando o dia escolhido era 31 e o mês não tinha 31 dias, seria substituído pelo último dia daquele mês; 2) caso o jornal do dia amostrado não existisse no acervo, seria substituído pelo exemplar do dia seguinte.

Para realizar esse levantamento, consultamos o acervo da Biblioteca Mário de Andrade que dispunha de sistema de microfilmagem dos exemplares até o ano de 1997 e versão original do ano de 1998. Os jornais dos dias sorteados foram lidos na íntegra, buscando localizar matérias que tivessem a palavra risco no título. Optou-se por esse procedimento considerando que essas matérias teriam o risco como foco específico, permitindo entender melhor o contexto de uso da linguagem dos riscos.

Os artigos assim localizados foram submetidos inicialmente à análise quantitativa buscando entender o uso dos repertórios nas diversas áreas temáticas (economia, saúde, política etc.) numa perspectiva diacrônica. A seguir, foi feita uma análise qualitativa buscando entender o contexto de uso. Nessa segunda etapa foram utilizadas três estratégias analíticas: a) o uso do termo, pautando a análise no emprego de risco como linguagem cotidiana (como perigo, portanto) ou como conceito formal (como probabilidade de ocorrência); b) o posicionamento do locutor, utilizando-se para isso as seguintes categorias: especialista, jornalista, articulista ou pessoas que viveram experiências com risco; c) o fluxo de associação de idéias, contextualizando o uso feito de risco como repertório interpretativo.

O terceiro procedimento focalizou o período mais recente buscando compreender o uso da linguagem dos riscos nas diferentes áreas temáticas. Para isso, fizemos o levantamento do total de matérias com risco no título

apareceram como chamadas de primeiros usos recente: todas as matérias referentes à área de uso dos riscos é de uso recente, por exemplo, usos ambíguos: todas as matérias das temáticas “política” e “lazer”, por introduzirem nesses usos da linguagem dos riscos; d) foco subjetiva: artigos que priorizavam o relato de quem haviam vivenciado riscos; e) risco como ação que focalizavam a positividade dos riscos.

Risco: Um Repertório cada vez maior

Como primeira aproximação para a compreensão dos usos da linguagem dos riscos buscamos a frequência da palavra risco no CD-Rom da FSP (1997) considerando o conjunto de palavras que serem utilizadas para falar sobre a possibilidade de ocorrência de algum evento, concebido tanto para ganhos ou perdas. Criamos, assim, uma lista que incluía sinônimos e termos associados etimológica da palavra risco (Spink, 2000).

Considerando primeiramente a frequência das palavras, observa-se na Tabela 1, que a palavra risco é a mais freqüente. Seguem, em ordem de freqüência, ameaça, chance e perda; depois sorte e perigo, que é a palavra com menor presença pouco marcante.

Entre 1994 e 1997, houve um crescimento de 27,7% no uso do total de palavras analisadas. É possível que o crescimento vegetativo da FSP tenham acompanhado, ou mesmo superado, a taxa de crescimento. Entretanto, a palavra risco teve uma taxa de crescimento de 50,8%, enquanto as outras palavras de uso freqüente (ameaça, chance, perigo) não chegam a atingir a mesma taxa. É interessante observar, entretanto, que a palavra risco, que é a palavra que apresenta a menor taxa de crescimento (85%). É possível que o crescimento seja decorrência da recente popularização de esportes radicais, como veremos na discussão a seguir.

Tabela 1. Palavras Utilizadas para Falar Sobre a Possibilidade de Ocorrência de Eventos Críticos para Perdas ou Ganhos no CD-Rom Folha, 1994-1997

Glossário	1994		1995		1996		1997	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Risco	3337	28,2	3799	30,8	4142	33,2	5032	33,3
Ameaça	1737	14,7	1846	15,0	1938	15,5	2223	14,7
Chance	1886	15,9	1795	14,6	1797	14,4	2175	14,0
Perda	1599	13,5	1608	13,0	1538	12,3	1953	12,0
Sorte	1132	9,5	1086	8,8	956	7,7	1172	7,3
Perigo	886	7,5	924	7,5	831	6,7	1119	7,0
Arriscar(do)	332	2,8	321	2,6	346	2,8	412	2,6
Obstáculo	312	2,6	337	2,7	347	2,8	344	2,2
Azar	221	1,9	179	1,4	155	1,2	196	1,2
Probabilidade	146	1,2	125	1,0	146	1,2	172	1,1
Prosperidade	134	1,1	138	1,1	131	1,0	163	1,0
Ventura	87	0,7	123	1,0	97	0,8	91	0,5
Aventura	41	0,3	44	0,4	38	0,3	76	0,5
Fortuna(do)	0	0	0	0	2	0	0	0
Total	11.850	99,9	12.325	99,9	12.464	99,9	15.128	100,0

Tabela 2. Matérias com Risco no Título Localizadas na Amostra de Exemplares da Folha - 1921 a 1998

Período	Amostra de dias ($\alpha=5\%$)	Número de matérias localizadas	Anos
Até 1949	148	0	
1950-1959	51	1	1957 (1 dia)
1960-1969	51	0	
1970-1979	51	0	
1980-1989	51	7	1980 ($n=7$)
1990 em diante	48	12	1989 ($n=5$)
			1991 ($n=1$)
			1996 ($n=1$)
			1998 ($n=7$)
Total	400	20	

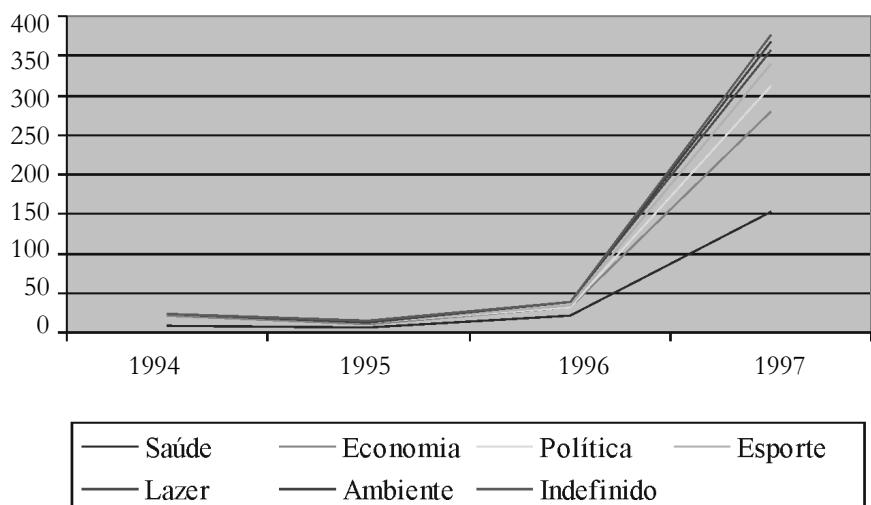


Figura 1. Uso da linguagem dos riscos por área - CD-Rom Folha, 1994-1997

Tabela 3. Uso da Linguagem dos Riscos por Área - CD-Rom Folha, 1994-1997

Áreas	Ano de Publicação				Total
	1994	1995	1996	1997	
Saúde	9	6	21	153	189
Economia	13	5	11	126	155
Política	1	2	1	32	36
Esporte	1	0	1	29	31
Lazer	0	0	4	18	22
Ambiente	0	0	0	10	10
Indefinido	0	1	1	9	11
Total	24	14	39	377	454

Risco como perigo

→ Foco nos atores →

* Perspectiva de quem corre riscos - 1997 ($n=2$)
 * Especialistas falam sobre quem está em risco - 1989 ($n=3$)

A leitura das 20 matérias localizadas através de processo de amostragem forneceu as primeiras pistas sobre o uso da linguagem dos riscos na mídia jornalística. Em 15 matérias, a palavra risco foi utilizada como sinônimo de *perigo* para falar sobre o risco de algum evento indesejado, na perspectiva das pessoas que correm riscos ou do risco propriamente dito. Nas demais, risco foi utilizado para denotar a probabilidade de ganho ou perda, no sentido mais corriqueiro associado à linguagem dos jogos (apostas, investimentos) ou no sentido mais formal de cálculo de probabilidade. Essas dimensões podem ser visualizadas na Figura 2.

O Risco como Perigo

Exemplo típico do uso cotidiano de risco como perigo, na perspectiva das *pessoas que se sentem ameaçadas*, é a fala de Heloísa, estudante de 20 anos, sobre a violência em São Paulo: “se a gente sai com cartão é assaltada. Se a gente sai sem ele corre o risco de apanhar” (FSP, 19/12/97, Editoria: Opinião). Já quando são os *especialistas* que falam das pessoas que correm risco, a linguagem recobre-se de termos técnicos que tendem a transformar “experiências com risco” em “coletivos de risco”: os pedestres (matéria de 20/1/89), os incautos compradores de dólar no paralelo (matéria de 12/11/89) ou os grupos propensos a serem infectados pelo vírus da AIDS. São, portanto, pessoas que apresentam “comportamentos de riscos” (matéria de 27/9/89).

A matéria intitulada “O risco de ser pedestre”, publicada em 20/1/89, é um exemplo interessante do uso da linguagem dos riscos. De autoria de arquiteto, pós-graduando em Engenharia de Transportes na Escola Politécnica da USP, a matéria trata de projeto de lei municipal que permitiria a cobrança de multas a pedestres, medida justificada pelo caráter educativo, visando “disciplinar pedestres rebeldes” que não usam a faixa para atravessar a rua. O autor inicia com uma análise técnica sobre usuários do espaço viário e o papel das multas no

Nas matérias em que o *foco* de risco é que tem precedê^a (12/02/95), o risco de conflito em risco no Peru (12/11/89) política; o risco de corte de energia de tecnologia e ambiente; o risco (futebol, 28/09/98), de rebelião ou de desaparecer (a Associação, 29/8/57; o patrimônio cultural, 21/3/80).

Em suma, nas matérias em que o risco é sinônimo de perigo a palavra risco é utilizada para ajudando a sinalizar a ameaça; da explicação do fenômeno social. A matéria publicada em 12/2/98 volta a enfrentar risco da ação de Belluzzo defende a tese que a violência vem debilitando a capacidade de resistência da anarquia pária, assim, como a crise capitalista volátil e pulverizada interlocutores identificáveis.

O Risco como Probabilidade

A aproximação ao conceito de risco ocorre de várias formas e é sempre feita por adjetivação (aposta de risco, risco de alto risco, 15/09/98). Foram encontradas 16 matérias que exemplificam o risco como probabilidade, referência à *aposta*, sugerindo a possibilidade de ganhos ou perdas nos jogos – cenário em que se coloca o risco como probabilidade (Beta, 16/11/98). A matéria intitulada “Aposta de risco” (16/11/98) é uma das que mais se destaca, feita pelos “tucanos” (PSDB) de Covas nas pesquisas eleitorais. A aposta de risco é feita com risco e sobe preço de ingressos para o “jogo de alto risco” adotada pelo clube, que é o São Paulo, em caso de derrota. Face ao problema, o clube não “apostar” novamente em seu time.

Na saúde, a matéria intitulada “Um beijo na boca pode provocar AIDS” traz os comentários dos médicos infectologistas Ricardo Veronese e Jacyr Pasternack sobre as declarações feitas pelo casal Johnson e Masters, dos EUA a respeito da possibilidade de infectar-se através de beijos na boca. Afirma Veronese que os beijos prolongados não estariam livres de risco; complementa Paternak que “risco teórico existe”. Ambos justificam o risco a partir de argumentos baseados em possibilidades: maior possibilidade de contato entre mucosa da boca e saliva; possibilidade de ocorrer sangramentos na boca durante beijos. Não se trata da quantificação do risco, mas do jogo das possibilidades em cenário probabilístico onde a retórica do risco serve também para qualificar ou desqualificar interlocutores. Assim, risco, no campo da transmissão do HIV, é da alcada de infectologistas e os especialistas cujas vozes se fazem ouvir nessa matéria afirmam que “o casal Master e Johnson não são autoridade em infectologia para fazer as declarações que fizeram e que podem levar ao pânico”.

De Conceitos e Metáforas: A Linguagem dos Riscos na Perspectiva das Áreas Temáticas nas Matérias Localizadas no CD-Rom Folha

O levantamento de matérias do período de 1921 a 1998, feito através de amostragem, havia sinalizado para o fato que a linguagem dos riscos só começa a ter visibilidade na Folha de S. Paulo na década de noventa. O levantamento de todas as matérias com risco no título indexadas em CD-Rom no período de 1994 a 1997 refina esta conclusão possibilitando apreender que é apenas no final da década que a linguagem dos riscos torna-se de uso corrente. Lembramos aqui que 83% das 454 matérias localizadas (Figura 1) concentravam-se no ano de 1997 (último ano registrado no CD-Rom). O objetivo desta etapa da análise foi explorar o uso feito da linguagem dos riscos.

O Risco como Chamada de Primeira Página

Entre as 25 primeiras matérias da lista de risco

ai um interessante jogo de posicionamento. O interlocutor é externo, é o país que é o exemplo, “FED vê o Brasil em situação de risco” (31/09/97); quando a interlocução se dá no âmbito interno, o risco é depositado no outro (por exemplo, “dar noção de risco aos bancos”, 01/04/98).

Também os riscos na perspectiva das matérias com freqüência à primeira página: As matérias localizadas falam dos riscos para o bebê, para a mama, da próstata, de epidemias trazidas pelo vento, da queda de riscos cardíacos e da redução da morte pelo trabalho qualificado. Nâo há menção à AIDS: quiçá um indicador de que a Folha deixou de ser notícia (Spink e cols., 2000).

Dos seis artigos restantes, três referem-se a variados da segurança: risco de ser atingido por um carro na estrada; de desabamento de pontes; e de trânsito que trazem mais riscos que segurança (31/08/98); de corte de energia; um a questões ambientais; e os nossos “Cerrados correm risco”, 31/08/98; e riscos de derrota política.

É óbvio, assim, que o mote de preocupação é a ameaça; o risco-perigo que ronda o país, que diz respeito à falência generalizada na área econômica.

Dos Riscos Manufaturados: Ambiente e Economia

Riscos manufaturados, segundo Giddens, são aqueles criados “pela própria dinâmica do desenvolvimento humano, especialmente da ciência e tecnologia”. São estes os riscos que marcam a emergência de uma nova fase no mundo contemporâneo, chamada por Beck (1992) de “sociedade de riscos”. Nos escritos acadêmicos, as implicações dos riscos manufaturados para o meio ambiente vêm sendo debatidas desde os anos sessenta, suas ressonâncias e suas implicações pelas matérias da Folha de S. Paulo – são muitas.

Encontramos apenas dez matérias referentes a

risco desempenha papel periférico “de caráter (...) basicamente descritivo e quase sempre indiretamente quantificado” (p.292).

Apenas a matéria publicada em 19 março de 1997, intitulada “Greenpeace alerta para risco de “poluição genética”, anuncia as novas questões ecológicas decorrentes da engenharia genética. A ausência de matérias sobre riscos associados à engenharia genética surpreende especialmente tendo em vista que esse foi o ano em que Dolly, a ovelha clonada, foi apresentada ao mundo e o ano, também, da polêmica sobre o tomate transgênico. Seria necessário reverter a busca, focalizando especificamente a questão da engenharia genética, para entender porque a linguagem dos riscos não migra para esta área.

A Hora e a Vez dos Esportes de Ação

Das 31 matérias que vinculavam risco e esporte, 24 tinham por foco o futebol. Nessas matérias, o termo risco foi utilizado para falar de possíveis perdas: rebaixamento do time, risco de afastamento ou de perda de jogadores, risco de perder o cargo de técnico. Encontramos, porém, um uso interessante da expressão *contrato de risco*, modalidade de relacionamento contratual baseado numa aposta.

Esse uso muito específico da linguagem de riscos, emprestado da economia, pode ser ilustrado com o caso Rodman. A matéria intitulada “Rodman se oferece em contrato de risco” (8/6/97) relata que esse jogador, cotado para ser dispensado do time de basquete *Chicago Bulls* por indisciplina, propôs participar dos jogos sem salário garantido. Dizia ele: “eu ofereci a eles um negócio de risco. Acerto verbalmente um contrato, sei lá, de uns US\$ 10 milhões. Eu disputo o torneio inteiro, e eles só me pagam no final se estiverem satisfeitos comigo. Que tal?”

A liga profissional norte-americana não aceitou o contrato,⁶ mas obviamente a proposta chegou a ser considerada. No período analisado encontramos duas outras matérias sobre contratos de risco: em 19/02/97, Renato gaúcho propunha também um contrato de risco,

indicações de resistência a essa linguagem. A parte dos empregadores, é usual a apropriação da linguagem dos riscos para investimentos financeiros, riscos corporativos, também, nas matérias analisadas da “Análise dos Riscos”, como o risco de um corintiano de cair passa de 56% para 44%, da Datafolha sobre as chances de vitória de vários times, sendo explicitado que se basearam tais cálculos na probabilidade de vencer, empatar ou perder. O risco é independente do adversário e depende das partidas que não terminaram com resultado o 1 a 0”.

Mas são os esportes de ação que mais se beneficiam pela linguagem dos riscos; os esportes de ação é a própria atividade. Por exemplo, o piloto de Fórmula 1 Niki Lauda, às vésperas do julgamento da morte de seu companheiro de equipe Ayrton Senna, declarou: “vou valorizar os riscos voluntários”. Afirmou achar “estúpido” um piloto que não julgar um caso relacionado com risco de morte extremamente arriscado. Ele disse: “Entre os altamente arriscados que assumem na Fórmula 1, desgaste de motores e de morte. É algo que qualquer

Risco é também parte da cultura de esportes de aventura que vem tornando-se popular: canoagem, rafting, rapel e os esportes de aventura como descrito na matéria publicada na coluna “Editoria” da Revista da Folha” (19/02/97). Apesar do título, os riscos que envolvem esses esportes ficam subentendidos: “rafting, 100 km de florestas e montanhas em província de São Paulo, 100 km de corridas de longa distância, 100 km de bike, 80 km de travessias com rapel (descida de montanhas, 100 metros”.

mas os riscos de retorno: o que não é absolutamente mensurável para a maioria dos marketeiros não merece o investimento”.

Na Política, o Jogo da Ambigüidade

Nos esportes há uma tensão sempre presente entre a perspectiva dos riscos como perigo, como jogo, como aventura e como governamentalidade. Já na política, risco é cenário metafórico, descompromissado com quaisquer das vertentes da linguagem dos riscos. A liberdade de uso já é anunciada pelo contexto de uso: quase um terço dos títulos referentes à política foram encontrados na seção Painel, da editoria Brasil, onde o título expressa a notícia. Os títulos são saborosos: “Riscos do rumo incerto” (Medeiros, por engano, quase entra em reunião do PT); “Riscos de atraso”, “Cronograma em risco”, “Tática de risco”, “Aposta de risco”, “Risco calculado”, “Jogada de risco”, “Jogo de risco”, “Estratégia de risco”, “Negócio de risco”, “Aparição de risco” (falando da visita de Quécia à capital paulista para testar sua popularidade).

Há medidas que *correm risco* de não serem implementadas (como a decisão de ratificar a convenção da OIT sobre emprego de menores) ou mesmo votadas (como a revisão da previdência). Há eventos que correm risco de não vingarem, como o leilão da Companhia Vale do Rio Doce. Há riscos para a Democracia (em Hong Kong face à devolução da província à China) e para os turistas (referindo-se à situação política na África do Sul).

Muitas das matérias são notas curtas sobre o andamento de processos variados: eleição para presidência da câmara, votação da emenda sobre reeleição ou privatização de estatais, onde há risco de adiamento ou perda de posições. Nas matérias mais longas, os riscos que rondam as entrelinhas do discurso são os da desordem, vista sobre qualquer um dos dois ângulos: segurança na esfera nacional ou o jogo das desigualdades na sociedade globalizada.

Não se trata, portanto, de cálculo de risco: risco não é, nessas matérias, probabilidade e sim um mecanismo

A matéria publicada em 9/2/95 (E) ilustra o uso da linguagem dos riscos dinâmica da desordem-segurança. Na África do Sul em São Paulo pleiteia que “um novo mundo a ser descoberto pelos grupos de turistas negros estão se tornando país”. Com o fim da política segregativa melhoria na segurança para os turistas “que os recursos da polícia puderam ser a sua principal prioridade: manter a lei e a ordem, se assim uma trama que envolve o sistema de polícia como aparato de segurança e os riscos”.

Também a matéria de 19/6/97, intitulada “O Brasil conhecia risco de rebelião” (Cotidiano), aborda risco como desordem. Mais uma vez, a questão é de polícia, sobretudo policial. O que é tratado é que a questão em pauta é de praças da Polícia Militar da Paraíba. É um belo exemplo do que se denominava “risco conhecido”: tratava-se de risco conhecido que havia alto grau de insatisfação e “havia riscos de se rebelar”. Em linguagem gerencial, o Comando de Policiamento considerava que “errou” do governo e do alto-comando, que havia sido mais habilidosos politicamente”.

Lazer: Cunhando Novas Expressões

Risco, no período analisado, foi tema de matérias culturais variadas. Das 22 matérias sobre risco no título localizadas no período (1994-1997), 16 relatavam ou anunciavam a realização de programas de TV, espetáculos teatrais ou festas que tinham risco como tema. Este é o período em que é lançado o filme “Risco Máximo”, protagonizado por Jean-Claude Van Damme, chega às telas de cinema, passa por locadoras (1997) e à televisão a cabo (final de 1997), amplamente anunciado no calendário (contabilizando 6 dos 22 títulos localizados). No período em que “Alto Risco”, séries de TV, é lançada, é criado o

assim como nos excessos dos seres humanos. Palavras, sons e imagens também dialogam em espetáculo intitulado “Poesia é risco” (14/10/97) onde o risco fica depositado na inusitada combinação de poesias, música e vídeo. Mas o risco não é apenas palco para experiências inovadoras no teatro; o teatro, segundo matéria de 28/12/97, pode ser importante estratégia educativa e, em Bem Nadi, no Laos, as crianças aprendem a lidar com o perigo das minas através de músicas e teatro de bonecos.

Na área do lazer, risco é também utilizado para falar dos perigos que se corre: arriscar realizando montagens novas e pouco comerciais; proteger-se dos riscos das intempéries, fazendo espetáculos em recintos fechados; patrimônios culturais que correm risco e artistas que temem pelos riscos à liberdade de expressão. Risco, nesses contextos, é muitas vezes um artifício de marketing, pouco tendo a ver com o conteúdo da matéria. O relato do debate sobre liberdade de expressão (20/11/97), realizado após os episódios que envolveram os músicos do “Planet Hemp”, traz depoimentos (que “compõem um quadro de ameaça à liberdade de expressão”) e propostas de ação. Não é uma análise dos riscos ou fatores a eles associados. A ameaça se torna risco no título da matéria pela força que o termo empresta ao tema, mais do que pela afiliação ao enquadre analítico dos riscos.

O Risco na Vida Cotidiana: O Dever de Prevenção

Para pesquisar esse aspecto analisamos as 47 matérias que tinham por foco os riscos da vida cotidiana, aí incluindo o relato de experiências pessoais com uma diversidade de riscos ou análises voltadas à responsabilidade individual de prevenção e autocontrole desses riscos. A grande maioria dos relatos era sobre questões relacionadas à saúde (66%) ou à interface entre saúde e segurança (15%), sobressaindo-se o caso de M – uma menina de dez anos que engravidou em consequência de estupro.

Nas cinco matérias⁷ que discutiam aspectos do caso de M, não houve consenso entre os especialistas sobre os procedimentos a serem adotados.

“Sobre os riscos do aborto tecidos dos órgãos da paciente feita por um profissional gabado (...) Mas todo procedimento é de certa maneira perigoso. A idade, tem risco. Se realizado com mais frequência, o risco diminui (13/12/97, Edição São Paulo, p. 10).” (Câmara dos Deputados, em matéria de 16/12/97, comenta que “é preciso ter especialista em gravidez de alto nível para fazer o aborto e para afirmar o que é mais perigoso.”) O que podemos dizer é que a “necessidade de menor risco” e complementa arrolando os riscos que aprovam a expulsão do feto pois, se forem aumentados, os riscos aumentam”.

Os riscos mencionados no corpo-biológico, pois a maternidade intitula-se "M corre o risco de problemas de relacionamento com o bebê por pelo parto, recomenda-se que as acompanhamentos psicossociais poderão ter suas vidas arrebatadas pelo serviço de psiquiatria infantil.

Essa sutil diferença no uso quando se transita do biológico mais clara na matéria intitulada “natal” (18/12/97). De um lado, a gravidez na adolescência, que pode sofrer hemorragia, aumentar toxemia; de outro, afirma-se que não traz sérios *problemas* que sejam psicológica. Em suma, ao falar-se a linguagem da probabilidade, a questão passa a ser da ordem

Os relatos de experiência constituem ocasiões propícias para que visam desenvolver o senso perante a saúde. Várias das versavam sobre quem corre estampada em seus títulos: "Corrida" (02/02/07), ("P-

definição do que seria uma gravidez de alto risco e especifica as *chances* de ocorrência de diferentes problemas (prematuridade, retardo de crescimento e morte) para então delinear os procedimentos considerados imprescindíveis para o controle dos riscos: repouso, acompanhamento rigoroso no pré-natal, definição do hospital onde o parto seria realizado.

Já a matéria intitulada “Bons métodos para evitar gravidez e o risco da AIDS”, publicada na Seção Sexo da Editoria Folhateen (05/05/97), oferece um contraste interessante. Embora sendo também de autoria de especialista,⁸ busca quebrar as barreiras de comunicação, adotando linguagem menos formal, permeada de termos próprio da linguagem social de jovens: “(...) mesmo usando a santa borrachuda existe o risco de gravidez; mesmo transando com a tal existe o risco de contágio de doenças se um parceiro estiver contaminado. Risco zero, só uma coisa garante: a abstinência sexual. E como não é esse o caminho escolhido por vocês (referindo-as a carta enviada por um rapaz de 20 anos), vamos tratar de procurar a segurança máxima possível.”

O Risco Positivado: Sem Arriscar Jamais Cresceremos!

De maneira geral, nas diversas áreas em que foram classificadas as matérias localizadas os riscos têm teor negativo: remetem à perda, desordem, doença ou — como no caso das matérias sobre lazer — aos perigos e excessos da vida na sociedade contemporânea. No conjunto das 454 matérias apenas uma focalizou o risco como aspecto positivo do comportamento humano. Tratava-se de texto de autoria de Paulo Coelho, publicado na seção Maktub, da Ilustrada (4/11/95), intitulado “Risco é necessário para acertar” onde o autor argumentava que: “Se exigirmos uma situação segura antes de dar um passo arriscado, jamais acertaremos”.

A palavra risco em seu uso inicial, na aurora da modernidade clássica, era uma forma neutra de referir-se

a um significado menos amplo, limitando a perda e excluindo algum risco de ganho.

Há, entretanto, uma contra-corrente de pensamento holista sobre desenvolvimento, em que o risco é oportunidade de expressão de perspectivas. Encontramos a positividade associada com risco na literatura sobre desenvolvimento humano nas empresas, assim como na literatura de aventuras radicais, consideradas como caminhos para a ampliação dos horizontes da experiência. Esse aspecto está presente na descrição dos “riscos da vida”, em matéria intitulada “Riscos da vida” (9/97): “Um grupo formado por empresários e executivos liberais decidiu aproveitar a experiência de viagens rápidas e ousadas no trabalho em uma ação radical: o ‘rali humano’”.

Até recentemente, (a julgar pelo levantamento que abrange os anos até 1997) o risco desejado e tolerado não era tema da mídia jornalística. Entretanto, que em 1998 e 1999 foram muitas as matérias (por exemplo, na Revista da Folha) sobre riscos radicais, em que a positividade do risco é evidente. Por exemplo: “Crianças radicais: os meninos que praticam pára-quedismo, rafting, parapente e outras modalidades de risco” (11/3/98); “Férias de família: pais e filhos estão se divertindo ao máximo com descidas de cachoeiras e corredeiras de bicicleta, exploração de cavernas, escalada e rapel” (“Os quase radicais: super-homens de aço que desafiam seus limites em esportes arriscados”); para a turma do comigo ninguém pode ser radical”.

Conclusões

Tomando a Folha de São Paulo como base, o estudo realizado permite concluir que a mídia brasileira mapeia os repertórios disponíveis para lidar com riscos no mundo contemporâneo.

da responsabilização e culpabilização, num esforço de colocar ordem diante da complexidade crescente da sociedade globalizada. Essa é a perspectiva de gerenciamento dos riscos, uma estratégia de governamentalidade (Foucault, 1984) que se faz presente nos discursos da saúde, da segurança, da economia e da política. De outro lado, risco é adrenalina e busca dos desafios intrínsecos às novas modalidades desportivas (e algumas mais antigas, como alpinismo e esportes de velocidade) que emerge em contraposição aos esforços de ordenação dos espaços sociais a que se presta o risco passível de cálculo e gerenciamento. As duas óticas estão numa relação de tensão, mais do que em confronto. Por exemplo, os esportes radicais são também ocasiões propícias para o desenvolvimento de funcionários mais flexíveis e aptos para operar adequadamente no âmbito do mercado globalizado.

Considerando a seguir o uso da linguagem dos riscos na perspectiva dos diferentes domínios de saber-fazer, observamos diferenças consideráveis na forma em que risco é abordado nas diversas áreas cobertas pelas matérias analisadas. Nos domínios onde a análise dos riscos já conta com longa tradição – a saúde, a economia, a tecnologia – risco é em geral abordado em sua dimensão quantitativa. Fala-se em probabilidade ou chance de ocorrência e analisam-se os fatores de risco. Mas mesmo aí há diferenças no âmbito dos vários domínios. Na saúde, por exemplo, fala-se em probabilidades e chances no que diz respeito à gravidez ou câncer; mas em *problemas* quando se trata de saúde mental. Na economia, impera a linguagem quantitativa quando o assunto é investimentos, mas ao abordar as medidas de proteção por parte do governo, volta-se a usar a linguagem do perigo.

Nas demais áreas, risco é cenário para falar de perigos, de experiências radicais ou para referir-se aos eventos problemáticos do cotidiano. Risco, nessa esfera, é espetáculo: tem funções midiáticas e marqueteiras.

Ambas as formas dominantes – risco como

tal estratégia por considerarmos que a mídia sinalizava a centralidade que o risco assumiu para a notícia, muito embora a produção jornalística é fruto da negociação entre autor da matéria, redator e editor.

Referências

- Ayres, J. R. C. M. (1997). *Sobre o risco: Para uma teoria social*. Rio de Janeiro: Hucitec.
- Bernstein, P. (1997). *Desafio aos deuses: A cultura do risco*. Rio de Janeiro: Campus.
- Beck, U. (1992). *Risk society: Towards a new modernity*. Cambridge, UK: Polity.
- Beck, U. (1998). *Politics of risk society*. Cambridge, UK: Polity.
- Billig, M. (1996). *Arguing and thinking (2nd ed.)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CD-ROM Folha 99 (1999). São Paulo: Editora Folha.
- Cunha, A. G. (1982). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Davies, B. & Harré, R. (1990). Positioning and the self. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20(1), 1-18.
- Douglas, M. (1992). *Risk and blame - essays in cultural theory*. London: Tavistock.
- Dumont, L. (1985). *O individualismo. Reflexões sobre a cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir. Na naissance de la prison*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1984). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gergen, K. (1985). The social construction of reality. *American Psychologist*, 40, 29-33.
- Giddens, A. (1998). Risk society: The entanglement of the economy, the culture and the ecology. J. Franklin (Org.), *The politics of risk*. Cambridge: Polity.
- Habermas, J. (1983). *Para a reconstrução social*. Rio de Janeiro: Brasiliense.
- Ibáñez, T. (1993). Construcción y representación del riesgo. *Psicología, 28*(1), 105-123.
- Medrado, B. (1999). Textos em cena: A teoria social da cultura. In M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e suas regras* (pp. 243-271). São Paulo: Cortez.
- Parker, I. (1989). *The crisis in modern society*. London: Routledge.
- Potter, J. (1996). *Representing reality*. London: Sage.
- Potter, J. & Reicher, S. (1987). Discourse and the organization of social categories. *Journal of Social Psychology*, 26(1), 25-40.
- Shotton, J. (1993). *Cultural politics of everyday life*. London: Sage.

Spink, M. J. P., Medrado, B., Menegon, V., Lyra, J. & Lima, H. (2001). A construção da AIDS-notícia. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(4), 851-862.
Thompson, J. (1995). *The media and modernity: A social theory of the media*. Cambridge: Polity Press.

Sobre os autores

Mary Jane P. Spink é Profesora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutora em Psicologia Social pela Universidade de Londres-UK. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Psicologia Social e Saúde - PUC/SP. Pesquisadora do CNPq. Vice-presidente para América Latina da Sociedade Interamericana de Psicología (SIP).

Benedito Medrado é Professor/pesquisador do Programa PAPAI/UFPE. Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).Membro do grupo de pesquisa *Práticas discursivas e produção de sentidos*, cadastrado junto ao CNPq. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Saúde e Comunicação do Programa PAPAI/UFPE.

Ricardo Pimentel Mélio é Professor do Departamento de Psicologia Social e Escolar da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Membro do grupo de pesquisa *Práticas discursivas e produção de sentidos*, cadastrado junto ao CNPq.